

Semântica Argumentativa: rupturas e aproximações

Andréia Inês Hanel Cerezoli¹

Resumo

Este trabalho tem como objetivo reunir um conjunto de relações exteriores à Semântica Argumentativa e apresenta o primeiro capítulo da minha tese de doutoramento cujo título é *A alteridade na relação locutor-enunciadores: potencialidades da teoria da polifonia para a qualificação do desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora*. O percurso metodológico percorrido pretende: (1) diferenciar as acepções do termo semântica; (2) situar, por oposição a outras perspectivas semânticas, a Semântica Argumentativa como teoria estruturalista; e (3) reafirmar as aproximações ducrotianas entre os conceitos de *alteridade*, pelo viés platônico, e de *valor*, pela direção *saussuriana*. Os resultados da pesquisa mostram que a singularidade das teorias que se inscrevem no campo semântico consiste na identificação de cinco aspectos: (1) filiação teórica; (2) concepção de *significação*; (3) papel do sujeito real na produção da *significação*; (4) consideração do extralinguístico para a explicação da *significação*; e (5) delimitação do nível de análise tomado como objeto. Em relação à posição da Semântica Argumentativa como teoria estruturalista, os resultados apontam distanciamentos da Semântica Argumentativa em relação à Semântica Vericondicional e à Semântica Cognitiva e, por fim, evidencia e reafirma como a *alteridade* constitui, de diferentes formas, a Semântica Argumentativa. A reunião deste percurso investigativo, quanto aos postulados epistemológicos da Semântica Argumentativa, permite ao leitor situar a Teoria no conjunto dos estudos linguísticos.

Palavras-chave: Oposições exteriores. Postulados epistemológicos. Semântica Argumentativa

Data de submissão: nov. 2024 – Data de aceite: jan. 2025

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v21i1.16521>

¹ Possui graduação em Letras pela Universidade de Passo Fundo (2006), mestrado em Letras - Estudos Linguísticos - pela Universidade de Passo Fundo (2010) e doutorado em Programa de Pós-graduação em Letras - Associação Ampla UCS/UNIRITTER pela Universidade de Caxias do Sul (2020). Atualmente é professor do magistério superior da Universidade Federal da Fronteira Sul, atuando nos cursos de graduação e no PPGEL-UFFS. Tem interesse na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: enunciação, semântica argumentativa, leitura, compreensão leitora, formação de professores, ensino de língua. E-mail: hanelandreia@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8563-1826>

Introdução

Toda pesquisa científica, necessariamente, elege um aporte teórico. Minha escolha contempla a Semântica Argumentativa (SA) – também denominada Teoria da Argumentação na Língua (TAL), criada por Oswald Ducrot e colaboradores na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, na década de 1960², e ainda desenvolvida até os dias atuais, na busca de maior coerência com os postulados saussurianos. Ducrot (1982, p. 36) considera que

[...] continua a ser comum a todos os saussurianos a ideia de que a unidade linguística, pelo seu aspecto fônico e pelo seu aspecto semântico, remete sempre para todas as outras, e que não é possível entender nem compreender um signo sem entrar no jogo global da língua.

A opção pela Semântica Argumentativa pode ser sintetizada pela possibilidade de estudar a língua na e pela *língua*, acompanhando, assim, o pensamento de Ducrot (2012, p. 17), ou seja, “Sou um pouco como Saussure: estudar a língua somente em si mesma e por ela mesma e encontrar várias coisas no interior dos estudos da língua.”

Percorro a TAL não pela sua evolução cronológica, mas vasculho as diferenças com outras concepções epistemológicas, linguísticas e semânticas, pois, como afirma Marques (2006, p. 203), “Sem a diferença, não há identidade.”; decisão metodológica que permite ao leitor a familiarização com conceito de *alteridade*, central para a Semântica Argumentativa.

Almejando coerência com as orientações de Ducrot (2018, p.17) – segundo as quais, também no desenvolvimento da pesquisa linguística, “A primeira exigência à qual o linguista deve submeter-se é a de procurar definir os temas que ele utiliza.” –, este trabalho está organizado para: (1) diferenciar as acepções do termo *semântica*; (2) situar, por oposição a outras perspectivas semânticas, a Semântica Argumentativa como teoria estruturalista; e (3) reafirmar as aproximações ducrotianas entre os conceitos de *alteridade*, pelo viés platônico, e de *valor*, pelo saussuriano.

1 Semântica: singularidade e diversidade

Minha decisão em trazer as acepções que o termo *semântica* assume em diferentes perspectivas teóricas é motivada pelas indicações de Tordesillas (1994) no prólogo da versão em espanhol da obra *La Argumentación en la lengua* que – em uma nota de rodapé, fazendo referência à obra *A semântica francesa no século XX: da teoria da referência à*

² Barbisan (2012) afirma que a Teoria da Argumentação na Língua tem um longo desenvolvimento, sendo difícil apontar com exatidão a data de seu início. Sugere que os princípios da Teoria surgem ainda na década de 1960, quando Ducrot adota o conceito de *valor* inspirado em Saussure.

teoria dos estereótipos, de J. Cl. Anscombe – indica o registro do termo ainda no século XVI, mas que só adquire certa relevância em 1883, com Michel Bréal, segundo o qual, o termo *semântica* apresentou diferentes características e nuances até conquistar o caráter científico de que desfruta hoje, ainda assim com divergências entre as teorias que o adotam.

A primeira distinção que destaco neste tópico, para que se entenda o grande campo de abrangência do termo, é a de Edward Lopes (1978), o qual afirma que *semântica* designa frequentemente não só a ciência das significações das línguas naturais, mas também marca a diferença entre dois pontos de vista: (1) uma semântica linguística, voltada ao estudo da forma, do plano de conteúdo das línguas naturais; e (2) uma semântica semiótica, que estuda a significação dos sistemas signícos secundários.

Assumindo a primeira distinção, restrinjo minha pesquisa ao campo da semântica linguística, pois, como alerta Rodolfo Ilari no prefácio da obra *Semântica, semânticas: uma introdução* (2003), o que singulariza as teorias que se autodenominam semânticas não é o objeto, já que todas buscam esclarecer o sentido³ da língua natural, mas os pressupostos⁴ que assumem e o método⁵ que elegem para alcançar seus objetivos.

Percepção essa compartilhada por Abbagnano (2012) ao argumentar que, no horizonte dos estudos contemporâneos sobre a linguagem, *semântica* não indica uma teoria ou uma disciplina unitária, mas, sim, uma diversidade de abordagens e programas de pesquisa nem sempre aproximáveis ou conciliáveis. Tal realidade, para esse autor, deriva das múltiplas disciplinas que, neste século, voltaram-se, direta ou indiretamente, para os fenômenos da significação e do significado.

Para tratar das acepções do termo semântica, consulto o *Dicionário de Filosofia*, de Nicola Abbagnano (2012, p. 1029-1031), para quem o termo *semântica* é utilizado em diferentes campos de estudo, o que potencializa a complexidade de definição do termo. Na Lógica e na Filosofia, por exemplo, a acepção de *semântica* mais difundida refere-se à “[...] parte da Linguística (e mais especialmente da Lógica) que estuda e analisa a função significativa dos signos, os nexos entre os signos linguísticos (palavras, frases etc.) e seus significados”. Outras áreas também são citadas, mas devido ao propósito deste trabalho, voltei-me às acepções mais diretamente relacionadas ao campo linguístico, reunidas em três grandes eixos, correspondendo a três concepções fundamentais de *semântica* distintas entre si: (a) a semântica vericondicional; (b) a semântica estrutural; e (c) a semântica cognitiva, sintetizadas no Quadro 1.

³ O *Dicionário de linguística da enunciação*, de Flores et al. (2009, p. 206-208), por exemplo, registra quatro definições diferentes para o conceito de *sentido*, a saber, (1) Sentido (Benveniste): “capacidade de uma unidade linguística integrar uma unidade de nível superior”; (2) Sentido (Ducrot): “valor semântico do enunciado”; (3) Sentido implícito (Ducrot): “subentendido”; (4) Sentido literal (Ducrot): “elemento semântico mínimo contido no sentido de todos os enunciados de uma mesma frase”.

⁴ Denominados por Ducrot (1980) *hipóteses externas*. As teorias anteriores que fundamentam a “nova” orientação teórica.

⁵ Designado por Ducrot (1980) como o conjunto das *hipóteses internas*. As noções e métodos da “nova” teoria.

Quadro 1 – Síntese das concepções fundamentais de *semântica* (S)

	Vericondicional	Estrutural	Cognitiva
Filiação	Elaborada pela filosofia analítica da linguagem.	Nasceu, tanto quanto o estruturalismo linguístico, com o <i>Cours de linguistique générale</i> , publicado originalmente em 1916.	Refere um vasto conjunto de teorias formuladas a partir dos anos 1970, sobretudo nos Estados Unidos, por linguistas, estudiosos da inteligência artificial e psicólogos cognitivos que compartilham uma atitude crítica em relação à
Significado	É constituído pelas <i>contribuições para as condições de verdade</i> da proposição.	Fundamenta-se em conceitos e distinções introduzidos por Saussure: a) a ideia de que a S tem por objeto o <i>sistema formal abstrato</i> constituído pelas relações entre os significados dos signos; b) a ideia de que o significado de uma expressão lexical é um <i>valor diferencial</i> dado pela posição que aquele significado ocupa no sistema em que está	Apresenta-se como uma teoria da compreensão linguística: a tarefa que se impõe é representar o que ocorre na mente dos falantes quando entendem uma palavra ou um enunciado.
Sujeito	<i>Antipsicologista</i> : o significado é uma entidade objetiva abstrata que nada tem a ver com entidades psicológicas individuais (conceitos, ideias, sensações etc.) nem com processos que ocorrem na mente do falante quando	<i>Antipsicologista</i> : não tem relação com conceitos, ideias ou pensamentos, mas com valores diferenciais emanados do sistema, portanto, sem qualquer vínculo com o usuário da língua.	<i>Realismo psicológico</i> : a ideia de que a plausibilidade cognitiva constitui um dos testes de adequação relevantes para a teoria semântica.
Concepção	<i>Referencial</i> : toma em consideração a relação entre os enunciados e os estados do mundo extralinguístico.	<i>Antirreferencial</i> : sistema dos significados é autônomo, quer dizer, sobretudo, há autonomia do sistema em relação ao mundo percebido e à realidade extralinguística.	<i>Não autonomia</i> da S, ou seja, a impossibilidade de isolar o estudo do significado de uma língua do estudo de todas as outras capacidades cognitivas humanas
Nível análise	<i>Do enunciado</i> , não da palavra: apenas os enunciados (as proposições) podem ser verdadeiros ou	<i>Lexical</i> : não cuida do significado dos enunciados, mas do significado de cada item lexical.	<i>Lexical</i> e suas contrapartes conceituais.

Fonte: Elaborado por mim, a partir de Abbagnano (2012, p. 1029-1031).

Ao opor as concepções fundamentais de *semântica*, a partir de Abbagnano (2012),

no Quadro 1, pretendi mostrar que a singularidade das teorias que se inscrevem no campo semântico consiste na identificação de cinco aspectos: (1) filiação teórica; (2) concepção de *significação*; (3) papel do sujeito real na produção da significação; (4) consideração do extralinguístico para a explicação da significação; e (5) delimitação do nível de análise tomado como objeto. Não posso deixar de mencionar um ponto que, na minha leitura, é um equívoco na descrição de Abbagnano (2012): o de que a semântica estrutural é apenas uma semântica lexical. Isso porque, para Saussure (2004, p. 24, grifos do autor, inserção minha), as “identidades, nesse domínio [linguagem], são *dadas*, antes de tudo, necessariamente, pelas do precedente; mas, depois disso, elas se tornam *a segunda ordem de identidades* linguísticas, irredutível à precedente”. Informação essa que justifica considerar como identidades nesse domínio: fonemas, palavras, enunciados⁶.

Reforçando o meu argumento, Saussure no *Curso de linguística geral* (CLG) reconhece a dificuldade de captar diretamente as entidades concretas ou unidades da língua e afirma que “trabalharemos sobre as palavras. Estas, sem recobrir exatamente a definição da unidade lingüística, dão dela uma idéia pelo menos aproximada, que tem a vantagem de ser concreta; [...] e os princípios obtidos a propósito das palavras serão válidos para as entidades em geral.” (Saussure, (2006, p. 132). Ainda no Curso de linguística geral, Saussure (2006) estabelece que no discurso as combinações de termos apoiam-se na extensão e serão chamadas de *sintagma*. São exemplos saussurianos *sintagmas* com extensões bem diversas: *reler*, *contra todos*, *a vida humana* etc.

2 Semântica Argumentativa: originalidade e distanciamentos

Diante da diversidade de acepções que o termo *semântica* apresenta, reitero o que assumo neste trabalho: (1) como fundamento teórico, a Semântica Argumentativa, de Oswald Ducrot e colaboradores; e (2) como percurso metodológico, o jogo de hipóteses internas e externas da Semântica Argumentativa.

A singularidade da Teoria da Argumentação na Língua (TAL) reside não só nas posições que assume, mas também, e principalmente, nas oposições a outras concepções semântico-linguísticas, evidenciando, como indicam Fiorin, Flores e Barbisan (2017, p. 8, grifo meu), que: “[...] mesmo os discursos fundadores constituem-se, como todo e qualquer discurso, em **oposição** a outros.”. Oposição assim explicada por Platão (2007, p. 226-227, grifo do autor): “[...] quando nos disserem que o negativo significa oposto, discordaremos. Somente admitiremos que a partícula *não* indica algo *diferente* das palavras às quais serve seu prefixo, ou melhor, diferente das coisas às quais os nomes que se seguem à negação

⁶ Para Ducrot (1984), *enunciado* é o que foi efetivamente pronunciado ou escrito; é a realização da *frase*, a qual consiste no material linguístico de que o locutor se serve para a produção do enunciado.

são aplicados.”. A ideia de *oposição* assumida neste trabalho, então, não se concentra no afastamento, mas nas relações, aqui entre teorias, que permitem caracterizar a Semântica Argumentativa.

Uma longa e atenta pesquisa às obras ducrotianas permite identificar não apenas os princípios da Semântica Argumentativa, mas também as concepções às quais seus fundadores se opõem. Oswald Ducrot, ao longo das obras consultadas, declara que a TAL opõe-se radicalmente⁷: (1) à concepção geral de atividade científica; (2) à concepção tradicional de *sentido*; (3) à concepção tradicional de *argumentação*; (4) à concepção veritativa da *significação*; (5) à concepção formal da língua; (6) à semântica lógica; (7) ao referencialismo e cognitivismo; (8) à *unicidade do sujeito falante*; (9) à noção de *sentido literal*; e (10) à semântica paradigmática. Explico agora, considerando os princípios apresentados no Quadro 1, cada uma das concepções rejeitadas e trago aquelas assumidas por Ducrot ao longo da elaboração de sua Semântica Argumentativa.

A primeira consideração, “Oposição à concepção geral de atividade científica”, não decorre propriamente de aproximação a / distanciamento de uma concepção *semântica*, mas de uma oposição ao fazer científico de outras áreas do conhecimento, por exemplo, às ciências naturais. Assim, a concepção geral da atividade científica é exposta e explicitada na obra *Les Mots du discours* (Ducrot, 1980) e em outras de Ducrot⁸. De acordo com essa concepção, as hipóteses externas que comandam a observação dos fenômenos devem ter justificativas independentes das hipóteses internas que tentam explicar determinado fenômeno, isto é, “[...] as escolhas que me levam a observar o que observo devem poder ser motivadas sem intervir nas escolhas por meio das quais explico o que observei.” (Ducrot, 1980, p. 23, tradução Tânia Maris de Azevedo). Ducrot (1980) declara que a Semântica Linguística, outra denominação para sua Teoria, é incapaz de seguir essa regra, porque, para o linguista semanticista,

Não somente os fatos são construções hipotéticas [...], mas acontece que as hipóteses externas, essas que controlam a observação dos fatos, são determinadas pelas hipóteses internas destinadas a explicar esses fatos. E é precisamente este estado de coisas que confere seu caráter particular às relações entre a análise de textos (lugar onde o linguista escolhe suas hipóteses externas) e a descrição das frases (lugar onde ele constrói suas hipóteses internas). (Ducrot, 1980, p. 23, tradução de Tânia Maris de Azevedo)

As *hipóteses externas* são, pois, as concepções prévias, a fundamentação teórica que torna possível o estabelecimento dos fenômenos, porque, de acordo com Saussure

⁷ O termo *radicalização* é utilizado por Ducrot (2006) quando explica a vinculação da Semântica Argumentativa aos pressupostos de Saussure, expondo que a Teoria dos Blocos Semânticos consiste em um aprofundamento e uma radicalização da TAL, radicalização que aumenta a coerência desta com os princípios saussurianos. Logo, entendo que o termo *radicalmente* é utilizado por Ducrot, não na acepção de *oposição total* ou *inflexível*, mas buscando sempre maior aproximação com os postulados saussurianos.

⁸ Como por exemplo, em *O dizer e o dito* (1987).

(2006, p. 15), “[...] é o ponto de vista que cria o objeto [...]”, assim, diferentemente das outras ciências, o objeto sob o qual se debruça o linguista não está dado previamente, e é “[...] o ponto de vista que permite situar uma *identidade*, seja ela de sons, de formas, ou de qualquer outra característica.” (Depecker, 2012, p. 70). Ducrot (1982, p. 33) esclarece que, para os saussurianos,

[...] o conhecimento dos elementos linguísticos não é um dado e que não se poderia ler diretamente na experiência quais os elementos postos em jogo na língua. A razão disso é, para Saussure, que as operações necessárias à determinação de uma unidade pressupõem que esta unidade se relacione com as outras e se reintegre no interior de uma organização de conjunto. E é isso que os saussurianos pretendem quando falam de sistema ou de estrutura da língua: os elementos linguísticos não têm qualquer realidade independentemente da sua relação com o todo.

Já as *hipóteses internas* são os princípios e as regras de dedução que o linguista elabora para simular a produção dos fenômenos observados na natureza. Então, para o linguista semanticista, segundo Ducrot (1980, p. 23), a abordagem é circular, pois o que funda a observação de um fenômeno é justamente a hipótese pela qual o linguista vai compreendê-lo. Um exemplo para ilustrar o “círculo” seria: *Minha casinha!* (hipótese interna) isolada não tem sentido nenhum, seu valor só pode ser determinado em oposição a: *casa pequena, casa, casarão, casebre*, que são possibilidades permitidas pelo sistema (hipótese externa). De modo similar, são as virtualidades do sistema (hipótese externa) que possibilitam determinar a significação de *casinha* em oposição a *lar, abrigo* etc. (hipótese interna). Na explicação ducrotiana,

[...] se a semântica escolhe por *hipótese externa* a idéia de que os enunciados têm um sentido, se ela decide, portanto, conduzir a observação de acordo com esta hipótese, ela é levada necessariamente a desconhecer a originalidade de certos termos [...]. Para fazer justiça a esta originalidade, é preciso, ao contrário, considerar o sentido [significação] do enunciado [frase] como uma construção do semanticista, destinada a fazer compreender os efeitos reais [sic] de enunciado em situação. (Ducrot, 1987, p. 56, grifo do autor e inserções minhas)

Na sequência, trago os conceitos ducrotianos que permitem diferenciar a TAL dos princípios da semântica vericondicional e da semântica cognitiva. Não traço uma linha fixa entre essas duas concepções, pois acredito que um mesmo conceito ducrotiano distingue-se – embora por aspectos diferentes – tanto de uma quanto da outra, conforme Quadro 1.

Na Primeira Conferência do seminário *Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso* proferida em la Universidad del Valle, em Cali, na Colômbia, em 1988 (e publicado em forma de livro em 1990), Ducrot declara que a TAL está destinada a opor-se à concepção tradicional de sentido. Segundo essa concepção, no entendimento ducrotiano, singularizam-se três tipos de indicação no sentido de um enunciado: (1) objetiva; (2)

subjetiva; e (3) intersubjetiva; equivalentes, respectivamente, a: (a) uma representação da realidade; (b) a atitude do locutor frente à realidade; e (c) as relações do locutor com as pessoas a quem se dirige. A primeira, frequentemente chamada *denotação*, e as outras duas, *conotação*.

A proposta de Ducrot (1990, p. 50, tradução minha) “[...] é suprimir essa separação entre denotação e conotação [...]”, porque a linguagem ordinária não apresenta uma parte objetiva, os enunciados da língua não dão acesso direto à realidade e nem a descrevem diretamente. Na perspectiva ducrotiana, “[...] se a linguagem ordinária a descreve [a realidade], o faz por meio dos aspectos subjetivo e intersubjetivo. A maneira como a linguagem ordinária descreve a realidade consiste em fazer dela o tema de um debate entre os indivíduos.” (Ducrot, 1990, p. 50, tradução e inserção minhas). A originalidade de Ducrot consiste na unificação dos aspectos subjetivo e intersubjetivo no conceito *valor argumentativo*, isto é, na orientação que determinada palavra exerce no enunciado, possibilitando algumas continuações ao discurso e impedindo outras. Imaginamos a situação em que dois amigos, apreciadores da literatura, encontrando-se em uma livraria e um deles diz:

(1) Esse livro é inédito.

A descrição que é dada do livro (inédito), segundo Ducrot, é uma maneira de criar no interlocutor determinado comportamento, possibilitando continuações como: *portanto você ainda não o conhece* ou *portanto gostaria de lê-lo*; e restringindo continuações como: *portanto já o li*.

Ducrot (1990) defende que a descrição semântica de uma palavra num dado enunciado deve ser capaz de indicar a orientação que essa palavra dá ao enunciado, isto é, “[...] o valor argumentativo como o nível fundamental da descrição semântica” (Ducrot, 1990, p. 51, tradução minha). Muitos pontos poderiam ser destacados aqui, mas chamo a atenção para o fato de que o *valor argumentativo* consiste na observação, descrição e explicação das relações que se estabelecem no nível intralinguístico, não havendo nenhum compromisso com a verdade ou com o sujeito real.

Na Segunda Conferência do mesmo seminário, Ducrot (1990) esclarece que a TAL se opõe radicalmente à concepção tradicional de argumentação. Nessa perspectiva, conforme o semanticista, um discurso contém uma argumentação quando são satisfeitas três condições: (1) dois segmentos cuja ordem em que se colocam é indiferente, A (argumento) e C (conclusão); (2) A (argumento) indica um fato F que pode ser verdadeiro ou falso, mas tem seu valor de verdade independentemente de C (conclusão); e (3) a conclusão (C) pode ser obtida a partir do fato (F). Ducrot (1990, p. 75, tradução minha) defende que, segundo essa concepção, “[...] a língua desempenha um papel muito reduzido

na argumentação” e expõe a concepção de *argumentação* marcada na língua: “a conclusão não se explica somente a partir do fato expresso pelo segmento A, mas através da forma lingüística.” (Ducrot, 1990, p. 80, tradução minha). Exemplificando em (2) e (3) como a argumentação está marcada na língua, imaginemos um contexto no qual se admita que, para dirigir um carro com segurança, o condutor deva estar descansado, sem sono.

(2) José dormiu um pouco.

Esse enunciado permite continuações como: *portanto já pode dirigir, terá uma viagem tranquila*, no entanto não autoriza continuações como: *portanto pode sofrer algum acidente, não deveria viajar*, as quais são permitidas pelo enunciado (3).

(3) José dormiu pouco⁹.

Nos dois enunciados, trata-se do mesmo fato, o tempo de descanso de José, porém o sentido constituído pelo locutor (L), ao mobilizar um ou outro, não é o mesmo. Em (2), L argumenta a favor de uma conclusão positiva para dirigir um carro, já em (3) justifica-se uma conclusão totalmente oposta.

Continuando o leque de concepções recusadas por Oswald Ducrot e colaboradores, no capítulo quatro da obra *Polifonía y Argumentación: conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso* (1990), Oswald Ducrot declara que a TAL é construída para se contrapor à concepção veritativa da língua. Segundo essa concepção, as palavras têm como função primeira produzir uma representação da realidade, isto é, “[...] a língua teria em um nível fundamental um valor informativo. O sentido das palavras seria constituído pela possibilidade que possuem de comunicar informação” (Ducrot, 1990, p. 155, tradução minha) julgadas em termos de verdade ou falsidade.

À Semântica Lógica, Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombe formulam sua oposição na obra *La argumentación en la lengua* (1994). Na perspectiva da Semântica Lógica, “[...] todas as manifestações de uma mesma proposição têm idêntico valor [...]” (Anscombe; Ducrot, 1994, p. 158, tradução minha). Nessa perspectiva, supõem ser possível isolar frases com um valor semântico completo, independentemente de qualquer contexto discursivo. O esforço em construir uma semântica não lógica é assim sintetizado pelos autores: “Nos interessamos, pelo contrário, em construir uma explicação dos encadeamentos discursivos cujos conceitos essenciais – por exemplo, o da argumentação – são relativos ao discurso [...]” (Anscombe; Ducrot, 1994, p.159, tradução minha). Para ilustrar, imaginemos uma situação em que a mãe, diante da teimosia do filho, anuncia:

⁹ Na Sexta Conferência do seminário *Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso*, Ducrot explica o parentesco entre *pouco* e a negação.

(4) Vou contar até três! Um..., dois...

O filho reconhece que não se trata de uma simples contagem, mas de uma ameaça, um alerta, impondo ao filho uma determinada percepção; o que significa dizer que, consoante Ducrot (1990, p. 14, tradução minha), “Falar é construir e tratar de impor aos outros uma espécie de apreensão argumentativa da realidade.”

Outro princípio ao qual a Semântica Argumentativa deseja contrapor-se é à ideia de *unicidade do sujeito falante*, Ducrot expõe sua oposição no primeiro capítulo da obra *Polifonía y Argumentación: conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso* (1990). De acordo com a concepção de unidade do sujeito falante, para cada enunciado há apenas uma pessoa responsável. Em oposição a essa ideia, Ducrot apresenta a Teoria da Polifonia, a qual assegura que em um enunciado estão presentes vários sujeitos com *status* linguísticos diferentes: (1) *sujeito empírico* (SE); (2) *locutor* (L); e (3) *enunciador* (E). O *sujeito empírico* (SE) é o autor, o produtor efetivo do enunciado, no entanto, determiná-lo é menos fácil do que se imagina. Exemplifico com uma situação comum: a fofoca (5). Quem é o autor efetivo da calúnia?

(5) Maria disse que a vizinha X traiu o marido. Foi a Joana quem me contou!

Para Ducrot, a determinação do sujeito empírico (SE) não é um problema linguístico, porque o que interessa ao linguista semanticista é o que está no enunciado, não nas suas condições externas, o autor “carne e osso” do enunciado, mostrando, desse modo, sua oposição à Semântica Cognitiva.

O locutor (L) é a figura discursiva a quem é atribuída a responsabilidade pela enunciação. O locutor (L) pode ser totalmente diferente do sujeito empírico (SE). Imaginemos a situação em que a esposa flagra mensagens românticas de outra mulher no celular do marido e diz:

(6) Não tenho mais ninguém, amor!

No universo linguístico, quem é o *eu*? A esposa traída? Pode ser o traidor? Ou, ainda, um simples espectador do flagra. Desconsiderando o mundo extralinguístico, discursivamente *eu* designa o *locutor* (L), isto é, o responsável que enuncia, independentemente de quem seja o *sujeito empírico* (SE). Uma maneira de compreender a distinção *locutor* (L)/*sujeito empírico* (SE) é dar voz a seres que normalmente não falam. Um exemplo corriqueiro disso é encontrar donos de animais de estimação, principalmente de cachorros, passeando em locais públicos e os *pets* fazerem suas necessidades em canteiros de flores, muros e vitrines de lojas. Nesses casos, é frequente depararmo-nos

com avisos deste tipo:

(7) Não sou seu banheiro!

Discursivamente, *sou* remete ao canteiro de flores, ao muro ou à vitrine, sendo apresentado como *locutor* (L), que certamente não é o autor do enunciado, o *sujeito empírico* (SE).

O *enunciador* (E), terceira categoria discursiva apresentada por Ducrot, é a origem dos pontos de vista do enunciado. Um *enunciado* contém, no mínimo, dois *enunciadores* que não aparecem associados a pessoas, mas a pontos de vista (uma abstração). O *locutor* (L) pode tomar diferentes atitudes¹⁰ em relação aos *enunciadores*

À concepção de *sentido literal*, Ducrot (1980) esclarece sua oposição na obra *Les Mots du discours*:

Recusamos identificar a significação das frases com o que se chama, habitualmente, o “sentido literal”, entendendo-o como um elemento semântico mínimo que estaria contido no sentido de todos os enunciados de uma mesma frase, um tipo de componente, de ingrediente comum, ao qual cada um deles [enunciados] acrescentaria somente tal ou tal tempero particular devido às suas condições de emprego. Segundo essa concepção não teria, entre sentido e significação, uma diferença de natureza, mas somente de quantidade: o sentido equivaleria à significação mais outra coisa. (Ducrot, 1980, p. 11, tradução de Tânia Maris de Azevedo e inserção minha)

Neste momento, é preciso entender que Ducrot refuta a existência de um elemento semântico mínimo presente em todos os enunciados que, por exemplo, apresentassem um determinado termo.

Já a oposição ao referencialismo e ao cognitivismo é explicitada por Ducrot (2006) no texto *La Sémantique Argumentative peut-elle se réclamer de Saussure?*¹¹. O linguista mostra que a TAL se opõe ao referencialismo e ao cognitivismo na medida em que o primeiro pretende associar objetos ou estados de coisas ao sentido das palavras, enquanto o segundo

[...] acredita, de fato, poder isolar “conceitos”, “ideias”, “pensamentos” ou ainda “representações” (termo julgado muitas vezes mais prudente), que o associaria às palavras enquanto [como] seu “sentido”, as palavras que servem somente para evocar essas representações sem serem uma parte constitutiva. (Ducrot, 2006, p. 03, tradução de Alessandra da Silveira Bez, inserção minha)

Ducrot (2006) esclarece que, para a TAL, não é possível descrever o sentido de uma

¹⁰ O locutor pode tomar a atitude de aceitar, assumir ou rejeitar um enunciador.

¹¹ In: SAUSSURE, Louis de (Org.) *Nouveaux regards sur Saussure*. Genebra: Librairie Droz S.A., 2006.

palavra ou signo em si, uma vez que o signo mesmo já é um elemento constitutivo do sentido, assumindo que o sentido de uma entidade linguística consiste em argumentações, isto é, em encadeamentos argumentativos relacionados a essa entidade pela língua.

À semântica paradigmática, Ducrot mostra sua objeção no capítulo III da obra *O dizer e o dito* (1987)¹². Nessa abordagem, consoante Ducrot, a descrição do sentido associa semântica e estudo do léxico. Nessa perspectiva, a descrição de um termo consistiria na atribuição de certa significação que tal termo possui quando abstraído de seu emprego no discurso. Então, ao *sentido a priori* – sem referência ao emprego do termo, ao seu papel na frase – Ducrot contrapõe a perspectiva da semântica sintagmática, para a qual a descrição de uma palavra em si mesma, sem considerar o sintagma que ela integra, dificilmente contribui para o valor semântico global do *enunciado*.

De acordo com a perspectiva sintagmática,

[...] a descrição de uma palavra (supondo que seja desejável descrever semanticamente as palavras, o que não é *a priori* necessário) não é fazer a correspondência desta palavra a uma certa noção; é antes fazer a indicação de uma regra que permita prever – ou mesmo, idealmente, calcular – o efeito desta palavra nos discursos em que é empregada. (Ducrot, 1987, p. 46-47)

A título de exemplo, convido o leitor a acompanhar a descrição do verbo *renovar*, no qual não é difícil perceber a existência de duas ideias: (1) que algo já existe; e (2) o que já existe é colocado sob novas condições. No entanto, quando a negação é adicionada, *não renovar*, o enunciado só pode ser continuado considerando-se a primeira ideia, pois a afirmação de que algo já existe é mantida, mas não a afirmação de que existem novas condições. Vejamos:

(8) Maria não renovou o guarda-roupa.

O enunciado (8) possibilita continuações como *portanto suas roupas ainda seguem as tendências da moda*; mas impede outras do tipo *portanto as peças novas são lindas* porque essa continuação não reconhece a negação de uma das ideias presentes no verbo *renovar*, ou seja, a ideia (2) *o que já existe é colocado sob novas condições*.

No Quadro 2, sintetizo o conjunto das oposições a outras concepções teóricas e metodológicas apresentadas até aqui.

¹² Cabe assinalar que o texto foi publicado originalmente em 1973, conforme indicação em nota de rodapé.

Quadro 2 – Conjunto de oposições externas

CONCEPÇÃO RECUSADA	CONCEPÇÃO ASSUMIDA
Concepção geral de atividade científica As hipóteses externas que comandam a observação dos fatos devem ter justificativas independentemente das hipóteses internas que tentam explicar determinado fato.	Custo teórico As hipóteses externas, essas que controlam a observação dos fatos, são determinadas pelas hipóteses internas destinadas a explicar esses fatos.
Concepção tradicional de sentido No sentido de um enunciado distinguem-se três tipos de indicação: (1) objetiva; (2) subjetiva; e (3) intersubjetiva. Referindo, respectivamente: (a) uma representação da realidade; (b) a atitude do locutor frente à realidade; e (c) as relações do locutor com as pessoas a quem se dirige. A primeira é frequentemente chamada <i>denotação</i> e as outras duas, <i>conotação</i> .	Valor argumentativo O aspecto objetivo é unificado aos aspectos subjetivo e intersubjetivo, num conceito chamado <i>valor argumentativo</i> , uma orientação que determinada palavra exerce no enunciado, possibilitando ao discurso algumas continuações e impedindo outras.
Concepção tradicional de argumentação Papel reduzido da língua, visto que a conclusão (C) pode ser deduzida do fato (F).	Argumentação inscrita na língua A argumentação não está determinada pelos fatos, mas a própria forma linguística impõe certas continuações discursivas.
Concepção veritativa As palavras têm como função primeira produzir uma representação da realidade, por isso são objeto de juízo de valor.	Sentido dialógico A descrição do sentido dos enunciados é vista como uma espécie de diálogo, um confronto de diversas vozes.
Concepção formal de língua Entende a língua como um conjunto de estruturas independentes da enunciação.	Concepção sistêmica de língua Não há sentido <i>a priori</i> . Um termo só pode ser descrito semanticamente pelas relações argumentativas que estabelece com os outros termos do sistema.
Referencialismo e cognitivismo O primeiro mostra como objetos ou estados de coisas constituiriam o sentido das palavras e o segundo crê poder isolar representações associadas a palavras como seu sentido.	Encadeamento argumentativo Não é possível descrever o sentido de uma palavra ou signo em si, uma vez que o signo mesmo já é um elemento constitutivo e assume que o sentido de uma entidade linguística consiste em argumentações relacionadas a essa entidade pela língua.
Unicidade do sujeito falante Em cada enunciado há apenas um responsável.	Teoria da polifonia Em um enunciado estão presentes vários sujeitos com <i>status</i> linguísticos diferentes: (1) sujeito empírico (SE); (2) locutor (L); e (3) enunciador (E).
Noção de sentido literal Elemento semântico mínimo que estaria contido em todas as proposições.	Significação A significação de uma <i>frase</i> comporta a indicação de vazios a serem preenchidos, para que o sentido de um enunciado seja obtido, e também há a indicação de uma ampla gama de possibilidades quanto à maneira de preenchê-los.
Semântica paradigmática A palavra é considerada um todo em si e não faz referência à sua introdução possível em enunciados.	Semântica sintagmática A palavra é descrita na relação com as outras palavras do enunciado.

Fonte: Elaborado por mim.

3 Semântica Argumentativa: estruturalismo e saussurianismo

Neste momento, em que me proponho a mostrar como a TAL insere-se no campo semântico estrutural – não que já não tenha indicado vários desses pontos nos tópicos precedentes –, retomo o alerta de Ilari (2003): o que singulariza cada uma das teorias que se autodenominam *semânticas* não é o objeto, mas os pressupostos teóricos e os princípios metodológicos que assumem; na terminologia ducrotiana, suas hipóteses externas e internas.

Da mesma maneira que a definição de *semântica* obrigou-me a estabelecer oposições e limitações, o termo *estruturalismo* exige-me algumas observações, que de modo algum pretendem esgotar seus contornos, apenas expor a relação dessa corrente de pensamento com Saussure.

Abbagnano (2012, p. 440, grifo do autor) define *estruturalismo* como “[...] todo método ou processo de pesquisa que, em qualquer campo, faça uso do conceito de *estrutura*¹³ [...]”, e ressalta que o estruturalismo engloba um universo de pesquisas em diferentes áreas (filosofia, psicologia, sociologia etc.).

Antes de apresentar como a TAL vincula-se ao campo da semântica estrutural, não posso deixar de comentar o dado apresentado por Abbagnano (2012) referente às diferentes áreas do conhecimento que se utilizam do termo *estruturalismo*, não com o objetivo de verificar como cada uma delas entende *estruturalismo*, mas para situar que a simpatia de diferentes áreas do conhecimento pelo termo decorre, conforme Dosse (1993, p.13), de sua exposição como um método rigoroso capaz de imprimir progressos importantes no rumo da ciência, além de haver constituído, de modo mais fundamental, “[...] um momento particular da história do pensamento suscetível de ser qualificado como o tempo forte da consciência crítica.”, assegurando principalmente às ciências sociais um lugar para saberes não reconhecidos pelas instituições canônicas.

O conceito de *estruturalismo* na percepção de Dosse (1993) é derivado de *estrutura*, que no princípio indicava um sentido arquitetural. Já nos séculos XVII e XVIII, o termo adquire novo sentido, passando a descrever a maneira como as partes integrantes organizam-se numa totalidade. E embora o “nascimento” do *estruturalismo* tenha sido certificado no campo da psicologia, em oposição à psicologia funcional no início do século XX, como método, sua aceção moderna decorre da evolução da linguística.

Se o estruturalismo engloba um fenômeno muito diversificado, mais do que um método e menos do que uma filosofia, ele encontra seu cerne, sua base unificadora, no modelo da linguística moderna e na figura daquele que é

¹³ [...] sinônimo de *sistema* como conjunto ou totalidade de relações (ABBAGNANO, 2012, p. 438), embora esses termos não pareçam ser sinônimos para Saussure, visto não usar o termo *estrutura*.

Em que consiste, então, o modelo da linguística moderna capaz de agregar, sob o rótulo estruturalismo, uma gama de perspectivas não solidárias e, inclusive, opostas entre seus diversos representantes? Dosse (1993), compartilhando das ideias de Françoise Gadet, afirma que o menor ponto de convergência a todos os movimentos estruturalistas é a nova orientação oferecida por Saussure: “A abordagem descritiva, a prevalência do sistema, a preocupação em remontar até as unidades elementares a partir de procedimentos construídos e explícitos [...]” (Dosse, 1993, p. 67). Desse ponto de vista, a Semântica Argumentativa identifica-se com o paradigma estrutural, já que busca descrever a significação (remontar até as unidades elementares) prevista no sistema linguístico (prevalência do sistema) a partir da observação, descrição e explicação dos sentidos dos discursos (abordagem descritivista).

Ducrot (2018, p. 14, inserção minha), por sua vez, entende que “Ser estruturalista em linguística é estudar a língua pelas relações intralinguísticas entre as palavras, entre as frases [enunciados], entre os discursos, sem tentar descrever a língua em referência a objetos ou às ideias às quais ela alude.”, o que confirma a oposição da TAL às semânticas vericondicional e cognitiva (Quadro 1) e permite ao semanticista inscrever-se no quadro da semântica estrutural ao definir que “[...] a organização do sentido não tem explicação fora do próprio sentido [...]” (Ducrot, 2018, p.15).

Falta-me, ainda, trazer os procedimentos construídos e explicitamente definidos por Ducrot para justificar a vinculação da TAL ao campo da semântica estrutural. Então, volto-me, uma vez mais, à trajetória intelectual e profissional de Oswald Ducrot, no decorrer da qual descobriu, segundo ele, o *estruturalismo*; mais precisamente, nas aulas de filosofia que ministrava e cujo programa incluía essa questão. Assim, viu-se conduzido a ler Saussure¹⁴ para abordar o assunto, e tornou-se linguista.

Em Saussure, comenta Ducrot (2018, p. 9), “[...] encontrei a ideia que tentei desenvolver durante toda minha vida, que a língua é uma estrutura formal.”, isto é, na definição de Saussure (2006, p. 23), “[...] a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas.”. Em outras palavras, Ducrot sintetiza a filiação da Semântica Argumentativa a Saussure pela noção de valor, “[...] noção de valor, que eu sempre quis colocar como sendo norteadora de meu trabalho em semântica [...]” (Ducrot, 2006, p.1). Nesse sentido, como linguista semanticista estruturalista, tendo o hábito de definir os termos aos pares, como

¹⁴ Somente a leitura do Curso de linguística geral, esclarecido muitas vezes pelo livro de Godel e pela edição de Mauro, conforme informações fornecidas por Ducrot (2006, p. 2).

língua/fala, sentido/significação, Ducrot (1984, p. 385) adverte que

[...] descrever semanticamente uma língua é atribuir uma significação a cada uma das suas frases. [...] a significação da frase deve ser compreendida ela própria como um conjunto de instruções permitindo prever, para cada um dos enunciados, que sentido ele terá, tendo em conta a situação em que é empregue.

Polarização saussuriana essa que, na teoria ducrotiana, adquire nova terminologia. Para Ducrot (1984), é possível distinguir num enunciado: (1) material linguístico e (2) realização linguística. O primeiro é uma espécie de entidade abstrata, idêntica em seus diversos empregos, correspondente à *língua* saussuriana. O segundo, podendo ser entendido de três maneiras: (a) o que foi realizado, o objeto produzido; (b) o acontecimento que constitui a aparição do enunciado; e (c) o processo para a realização de alguma coisa, correspondente à *fala* saussuriana. Ducrot assume, na TAL *realização linguística* no sentido 1.

O *material linguístico*, entidade abstrata, repetível, é designado terminologicamente como *frase*, num nível elementar, e como *texto*, num nível complexo. Já a *realização linguística*, o efetivamente produzido e irrepetível semanticamente, é designada como *enunciado*, num nível elementar, e como *discurso*, num nível complexo. Tal distinção terminológica deriva de ser “[...] pelo aspecto semântico da linguagem que sentimos a necessidade das distinções apresentadas.” (Ducrot, 1984, p. 370). O interesse pelo aspecto semântico, também, justifica a atribuição de valores semânticos de naturezas diferentes à *frase* e ao *texto*, de um lado, e aos *enunciados* e *discursos*, de outro. Nesse contexto, *significação* constitui a representação semântica da *frase* ou do *texto*, enquanto o *sentido*, a do *enunciado* ou do *discurso*. O Quadro 3, a seguir, apresenta as correlações conceituais entre Saussure e Ducrot.

Quadro 3 – Correlação Saussure - Ducrot

CONCEITO	SAUSSURE	DUCROT	
CONSTRUÇÃO DO LINGUISTA	Língua	Material linguístico	FRASE Material linguístico de nível simples de que o locutor se serve para enunciar.
			TEXTO Material linguístico de nível complexo que se traduz numa sequência de frases.
			SIGNIFICAÇÃO Valor semântico da frase ou do texto. Conjunto de instruções que permite prever o sentido de cada um dos enunciados que a realizam.
REALIDADE EMPÍRICA	Fala	Realização linguística	ENUNCIADO Entidade concreta de nível simples, aquilo que foi efetivamente pronunciado ou escrito. Realização da <i>frase</i> .
			DISCURSO Entidade concreta de nível complexo; totalidade semântica resultante da inter-relação de enunciados. A realização de um <i>texto</i> .
			SENTIDO Valor semântico do enunciado ou do discurso. Realização da significação inscrita no sistema linguístico.

Fonte: Elaboração minha com base em Ducrot (1984, p. 368 – 393).

Antes de prosseguir com as considerações acerca do Quadro 3, preciso ater-me ao conceito saussuriano de *valor*, que Ducrot (2006) coloca como norteador de toda descrição em Semântica Argumentativa. Relembro que, conforme a síntese apresentada no Quadro 2, as hipóteses externas, que delineiam a observação dos fenômenos, determinam as hipóteses internas, destinadas a explicar esses fenômenos. Para responder a essa questão, uma pesquisa paralela me é requerida, dada a complexidade e a importância do conceito de valor para a ciência linguística. De acordo com Flores e Barbisan (2014, p. 9), *valor* é “[...] o conceito que sustenta a arquitetura teórica de Saussure.”.

3.1 Valor: diferença e oposição

Abordar o complexo *corpus* saussuriano em uma pesquisa científica exige algumas considerações iniciais, a fim de esclarecer as fontes de consulta, dadas as discussões

concomitantes sobre o que realmente corresponde às ideias saussurianas e aos materiais ditos “não autênticos”. Não acredito que a discussão acerca da autenticidade ou não da escrita saussuriana seja, aqui, decisiva para os resultados da minha pesquisa, logo não vou me alongar nessa discussão.

Utilizo o *Curso de linguística geral* (CLG) pelo seu caráter didático e papel fundador (muitas vezes único) de contato com as ideias saussurianas. Também consulto os *Escritos de Linguística Geral* (Saussure, 2004) porque partilho da afirmação de Flores (Fiorin, 2017, p. 74), segundo a qual esse material contribui para esclarecer as considerações já expostas no CLG. Consulto, igualmente, Depecker (2012), por buscar as fontes manuscritas saussurianas para suas reflexões. Ainda faço uma delimitação: não abordarei todos os conceitos saussurianos, apenas aqueles indispensáveis ao entendimento da noção de *valor*.

Retomo a reflexão saussuriana, já apresentada neste trabalho, sobre o objeto da linguística não ser dado ao pesquisador como um elemento da natureza, mas sim decorrer de um ponto de vista. Depecker (2012, p. 57), recorrendo às *Notas sobre a acentuação lituana*, afirma que Saussure, ao definir a *língua* como objeto da ciência linguística, é guiado pela convicção de que a *língua* não é matéria, já que qualquer um dos elementos da *língua*, um fonema, por exemplo, só passa a existir quando podemos lhe atribuir uma significação diferencial.

[...] as 'entidades' que somos levados a considerar na língua não se apresentam nunca de forma absoluta. Elas são apenas um 'LUGAR DE DIFERENÇAS' *apresentado ao nosso espírito*, um 'ponto crucial' onde o espírito apreende em permanência diferenças (de som, de intensidade etc.). (Depecker, 2012, p. 59, grifos do autor).

Saussure afirma que a presença de um som em uma língua, sendo ele o menor elemento diferencial desse sistema, “[...] só tem valor por oposição com outros sons presentes; e é essa a primeira aplicação rudimentar, mas já incontestável, do princípio das OPOSIÇÕES, ou dos VALORES RECÍPROCOS, ou das QUANTIDADES NEGATIVAS e RELATIVAS que criam um estado de língua.” (Saussure, 2004, p. 27, grifos do autor); ou ainda como encontramos no CLG (Saussure, 2006 p. 136): “Sua característica mais exata é ser o que os outros não são.”. A língua é, então, um sistema de diferenças no qual um termo só existe por oposição a todos os outros que compõem esse sistema.

E é justamente pela oposição que Oswald Ducrot, também conhecedor de filosofia, expõe no prefácio da obra *O Intervalo Semântico*, de Carlos Vogt (2009), a aproximação entre o valor saussuriano e a alteridade platônica.

[...] o *Cours de linguistique générale*, no capítulo sobre o Valor, não faz senão aplicar às palavras da língua o que Platão disse sobre as Idéias. A *oposição*, para Saussure, é constitutiva do signo da mesma forma que a *alteridade* é,

para Platão, constitutiva das idéias. O valor de uma palavra – ou seja, sua realidade linguística – é o que a opõe às outras. (Ducrot, 2009 *apud* Vogt, 2009, p. 10, 11 – grifos meus)

Parece-me indispensável, para situar “o nascimento” da ideia de alteridade, um rápido pouso em *O Sofista*, de Platão. Nessa obra, a análise de diferentes argumentos leva o estrangeiro de Eleia a indicar que os quatro gêneros primeiros são: o *Ser*, o *Mesmo*, o *Repouso* e o *Movimento*, garantindo que o *Ser* pode se combinar com os outros dois, mas o *Repouso* e o *Movimento* não se podem mesclar. É neste ponto do diálogo que surge uma das mais importantes noções para a compreensão da alteridade constitutiva: a *diferença*. Para Platão, cada um dos três gêneros citados – o *Ser*, o *Repouso* e o *Movimento* – é diferente dos demais, mas idêntico a si mesmo. Assim, ao admitir que o *diferente* permeia os demais gêneros, o estrangeiro de Eleia é levado a considerar não quatro, mas cinco gêneros (o *Ser*, o *Mesmo*, o *Repouso*, o *Movimento* e o *Outro*) e admitir que “[...] [o *Outro*] permeia a todos, uma vez que cada um deles é diferente dos demais, não por razão de sua própria natureza, mas porque partilha da *forma* ou *idéia* do diferente.” (Platão, 2007, p. 223, grifo do autor, inserção minha).

Um último ponto acerca da definição de *valor* saussuriano parece-me, no entanto, ainda necessário.

[...] é preciso reconhecer que valor exprime, melhor do que qualquer outra palavra, a essência do fato, que é também a essência da língua, a saber, que uma forma não *significa*, mas *vale*: esse é o ponto cardeal. Ela *vale*, por conseguinte [sic] ela implica a existência de outros *valores*. (Saussure, 2004 p. 30)

Esses “outros *valores*”, segundo o CLG, correspondem às relações e diferenças entre termos do sistema que se desenvolvem em duas esferas distintas, no discurso e fora do discurso. No discurso,

[...] os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, [...]. Tais combinações, que se apóiam na extensão, podem ser chamadas de *sintagmas*. [...]. Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que precede ou ao que segue, ou a ambos. (Saussure, 2006, p. 142, grifo do autor).

As *relações sintagmáticas* existem *in praesentia*, quer dizer, na presença de dois ou mais termos em uma série já atualizada (colocada em ato), real ou imaginária. Por oposição, fora do discurso, as palavras que oferecem uma semelhança, quer sonora, quer semântica, associam-se na memória, orquestradas por relações muito diversas. Variam de indivíduo para indivíduo e, uma vez que constituem a *língua* de cada um, são chamadas de *relações associativas*.

As *relações associativas* opõem termos *in absentia*, na ausência, não atualizada

(colocada em ato), como links virtuais. Um exemplo nos ajuda a compreender a intersecção dos dois eixos de relações e a constituição do valor linguístico.

(9)

jámais	concluí	um	exercício
não	terminei	o	trabalho
nunca	finalizei	aquela	tarefa

No momento em que atualizo *não*, deixo de atualizar o modo afirmativo ou a palavra *nunca*; quando atualizo *terminei*, deixo de atualizar outros termos, como *finalizei* ou mesmo *terminamos*. Da mesma forma, quando atualizo *o*, deixo de atualizar outros termos, como *um*, *aquela* etc. O valor de *terminei*, por exemplo, só é determinado pelas relações que estabelece no eixo sintagmático com *não* e *o*, mas também com aquelas relações estabelecidas no eixo associativo com *concluí*, *finalizei* etc.

Após apresentar a relação *alteridade constitutiva/valor saussuriano*, volto ao Quadro 3 (no sentido vertical) para mostrar que, como diz Ducrot (1987), a distinção saussuriana *língua/fala* tem duas funções: (1) material; e (2) metodológica. A distinção material é interior ao dado, opondo duas realidades: (a) abstrato; e (b) concreto. A distinção metodológica corresponde à distinção clássica entre o objeto construído pelo pesquisador e o dado para o qual esse objeto deve fornecer uma explicação. (Ducrot, 1987, p. 64)

Ao Quadro 3, ainda preciso acrescentar uma observação essencial que aproxima a ciência linguística e a teoria *semântica*: a passagem da *materialidade* à *realização linguística*.

Nesse sentido, Saussure (2004, p. 237, grifo do autor) questiona-se: “A língua só é criada em vista do discurso, mas o que, em dado momento, permite dizer que língua *entra em ação como discurso*?”. Acredito que Ducrot, como semanticista, mesmo sem ter conhecimento dessa reflexão saussuriana, tendo em vista que a “Nota sobre o discurso” só foi publicada em 2002, também se debruça sobre esse mesmo questionamento e, para resolvê-lo, traz o conceito de enunciação: “[...] o acontecimento histórico, isto é, o facto de uma frase ter sido objecto de um enunciado (ou de um discurso) [...]” (Ducrot, 1984, p. 369). Dados que sintetizo no Quadro 4.

Quadro 4 – O lugar da enunciação

CONCEITO	SAUSSURE	DUCROT	
CONSTRUÇÃO DO LINGUISTA	Língua	Material linguístico	FRASE Material linguístico de que o locutor se serviu.
			TEXTO Sequência de frases.
			SIGNIFICAÇÃO Conjunto de instruções permitindo prever, para cada um dos enunciados, que sentido ele terá, tendo em conta a situação em que é empregue.
O QUE SEPARA ¹⁵ O DISCURSO DA LÍNGUA?		ENUNCIAÇÃO	
REALIDADE EMPÍRICA	Fala	Atualização discursiva	ENUNCIADO Aquilo que foi efetivamente pronunciado ou escrito. Realização da <i>frase</i> .
			DISCURSO Sequência de enunciados ligados entre si. A realização de um <i>texto</i> .
			SENTIDO Representação semântica do enunciado ou do discurso.

Fonte: Elaboração minha com base em Ducrot (1984, p. 368 – 393).

O conceito enunciação, do ponto de vista da TAL, não tem apenas função terminológica, mas também função semântica.

A ideia fundamental, repito, é que todo enunciado, mesmo que pareça bastante <objetivo> (*A terra é redonda*), faz alusão à sua enunciação: quando se fala, fala-se sobre a própria fala. Essa hipótese de que o dito denuncia o dizer, mesmo quando não está fazendo isso usando tal ou tal morfema explícito, pode desempenhar um grande papel na descrição dessas sequências desses encadeamentos de enunciados que constituem o discurso. Muito frequentemente, de fato, é interessante, para compreender que dois enunciados sucessivos estão conectados um ao outro, admitir que a sua relação semântica diz respeito, pelo menos um deles, não à informação que ele comunica sobre os acontecimentos do mundo, mas a este evento particular que constitui sua enunciação, visto através da imagem que dá

¹⁵ Encontrei a expressão “separa” na versão consultada de *Escritos de Linguística Geral* (2004), mas o termo deve ser compreendido como o que torna possível a *língua* ser transformada em *discurso*.

dela o sentido do enunciado. (Ducrot, 1980, p. 40, tradução de Tânia Maris de Azevedo)

Trago este exemplo para ilustrar a hipótese ducrotiana:

(10) Esse lugar é mais limpo do que um hospital.

Em (10), o enunciado faz referência à enunciação, uma vez que o sentido de limpo em (10) constitui-se de um grau de limpeza que ultrapassa até mesmo o que é esperado de um hospital nesse quesito, isto é, de uma limpeza que extinga não só a sujeira visível, mas, principalmente, bactérias, fungos e vírus.

Ainda outra função semântica é atribuída à *enunciação*. Ducrot (1994) explica *enunciação* como a atividade de quem fala no momento em que fala, sendo histórica e circunstancial, havendo a impossibilidade de ser produzida duas vezes; porém, reitera que o conceito não tem nada de psicológico, nem implica a possibilidade de que o enunciado seja produzido por um sujeito falante. Assim, o conceito de *enunciação* justifica duas oposições no par *significação/sentido*: (1) quantidade e (2) natureza. A diferença de quantidade mostra que o enunciado traz muito mais do que a frase indica. Imaginemos a situação em que a professora flagra seus alunos em plena “cola” e diz:

(11) Bonito, hein!

O enunciado (11) indica a constatação da cola e a decepção da professora pela falta de ética dos alunos. Essas indicações só podem ser verificadas no *enunciado*, não estão presentes na *frase*, embora o sistema linguístico autorize tais usos, pois a ironia em (11) só é assim compreendida por alusão à sua *enunciação*¹⁶. Se a *enunciação* de (11) não fosse anteriormente descrita, como seria possível distinguir a ironia do elogio, em termos de sentido?

A diferença de natureza leva a admitir que a significação consiste num conjunto de instruções que possibilitam interpretar os enunciados. Ou seja, instruções abertas – que permitem sua persistência no tempo e no espaço; idênticas – por meio da diversidade dos atos efetivamente realizados (os enunciados) em condições particulares; e sempre novas – pois produzidas *hic et nunc*¹⁷, conforme Ducrot (1987).

¹⁶ Situação mais comum em uma interlocução escrita, no entanto, também ocorre em interlocuções orais, tanto que, inúmeras vezes, a entonação aferida à ironia não é percebida pelo interlocutor

¹⁷ Em português, *aqui e agora*.

Considerações finais

“*Não nos vemos se nós não saímos de nós*” é uma célebre frase de José Saramago que mostra a necessidade olhar para a diversidade a fim de encontrar a singularidade. Percurso que expus ao leitor neste artigo, apresentando, discutindo e sintetizando as relações e diferenças que singularizam a Semântica Argumentativa no conjunto dos estudos linguísticos.

Argumentative Semantics: ruptures and approximations

Abstract

This work aims to bring together a set of oppositions outside Argumentative Semantics and corresponds to the first chapter of my doctoral thesis whose title is Alterity in the speaker-enunciators relationship: potentialities of polyphony theory for qualifying the development of reading comprehension skills. The methodological path taken aims to: (1) differentiate the meanings of the term semantics; (2) situate, in opposition to other semantic perspectives, Argumentative Semantics as a structuralist theory; and (3) reaffirm the Ducrotian approximations between the concepts of alterity, from a Platonic perspective, and value, from a Saussurian perspective. The research results show that the uniqueness of the theories that fall within the semantic field consists of the identification of five aspects: (1) theoretical affiliation; (2) conception of meaning; (3) role of the real subject in the production of meaning; (4) consideration of the extralinguistic to explain meaning; and (5) delimitation of the level of analysis taken as object. In relation to the position of Argumentative Semantics as a structuralist theory, the results point to the distance between Argumentative Semantics in relation to Vericonditional Semantics and Cognitive Semantics and, finally, highlights and reaffirms how alterity constitutes, in different ways, Argumentative Semantics. Bringing together this investigative path, regarding the epistemological postulates of Argumentative Semantics, allows the reader to place the Theory within the set of linguistic studies.

Keywords: External oppositions. Epistemological postulates. Argumentative Semantics

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. *La Argumentación en la lengua*. Madrid: Editorial Gredos, 1994.
- BARBISAN, Leci Borges. O sentido no discurso: o olhar da Teoria da Argumentação na Língua. In: DI FANTI, Maria da Glória; BARBISAN, Leci Borges (Org.). *Enunciação e Discurso: tramas e sentidos*. São Paulo: Contexto, 2012.
- BRÉAL, Michel. *Ensaio de Semântica: ciência das significações*. São Paulo: EDUC, 1992.
- DEPECKER, Loïc. *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- DOSSE, François. *História do estruturalismo*, v.1: o campo do signo, 1945 - 1966. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- DUCROT, Oswald. *Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980.

- DUCROT, Oswald. Saussurianismo. In: DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. *Dicionário de linguística*. 6.ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.
- DUCROT, Oswald. *Enciclopédia EINAUDI*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- DUCROT, Oswald. *Polifonía y argumentación* – conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidad del Valle, 1990.
- DUCROT, Oswald. La Sémantique Argumentative peut-elle se réclamer de Saussure? In: SAUSSURE, Louis de (Org.). *Nouveaux regards sur Saussure*. Genebra: Librairie Droz S.A., 2006.
- DUCROT, Oswald. Prefácio. In: VOGT, Carlos. *O intervalo semântico*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial/Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- DUCROT, Oswald; XAVIER, Antonio Carlos. Trajetória e legado de um filósofo da linguagem: Oswald Ducrot. *Revista Investigações*, v. 25, n. 2, jul. 2012.
- DUCROT, Oswald. *Os riscos do discurso: encontros com Oswald Ducrot*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2018.
- FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2017.
- FLORES, Valdir do Nascimento et al. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. Sobre Saussure, Benveniste e outras histórias da linguística. In: NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2014.
- ILARI, Rodolfo. Prefácio. In: FERRAREZI JUNIOR, Celso; BASSO, Renato. *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2003.
- LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.
- MARQUES, Marcelo Pimenta. *Platão, pensador da diferença*. Uma leitura do Sofista. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- PLATÃO. O Sofista. In: PLATÃO. *Diálogos I: Teeteto (ou Do conhecimento), Sofista (ou Do ser), Protágoras (ou Sofistas)*. Bauru, SP: EDIPRO, 2007.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- TORDESILLAS, Marta. Prólogo. In: ANSCOBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. *La Argumentación en la lengua*. Editorial Gredos S.A.: Madrid, 1994.